



AS RECATEGORIZAÇÕES EM REDES REFERENCIAIS NOS COMENTÁRIOS DO INSTAGRAM

THE RECATEGORIZATION IN THE INSTAGRAM COMMENT REFERENTIAL NETWORKS

Janaica Gomes Matos¹, Stelyo Rubens de Souza Nogueira²

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar, em diálogo com a perspectiva tecnodiscursiva de Paveau (2020, 2021), as recategorizações em redes referenciais, nos comentários do Instagram, cujos textos se integram uns aos outros, sob o traço da relacionalidade discursiva. Partimos então das características do discurso nativo digital, destacando as potenciais relações entre a postagem inicial e os comentários, nos quais operam as redes de referentes. Para tanto, baseamo-nos na noção de redes referenciais em Matos (2018), pautadas nas ideias sobre a construção referencial segundo Cavalcante e Brito (2016) e nos modos de (re)elaborações do referente, conforme Custódio Filho (2011), cujo esquema foi acrescentado por Matos (2018). Assim, analisamos os textos na rede social Instagram, observando a postagem de nota política sobre “Bolsonaro”, no Jornal O Povo On-line, seguida de 90 comentários por 56 internautas. Atentamos para o fato de que as recategorizações sobre determinado referente podem ultrapassar, relacionalmente, a fronteira de uma postagem, vindo a continuar-se nos comentários subsequentes do compósito de gêneros da rede social. Essa continuidade ocorre por acréscimos e (des)confirmações de sentidos, conforme a ideologia e as influências dos sujeitos, uns sobre os outros. Com isso, apontamos a necessidade de ampliação do alcance analítico das redes referenciais ao nível intertextual, de modo a incluir a contribuição dos recursos tecnolinguageiros para essa troca de sentidos em negociação.

Palavras-chave: redes referenciais; recategorização; comentários on-line; relacionalidade.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); membro do grupo de pesquisa PROTEXTO (UFC) e coordenadora do grupo TEXTUALE (UESPI). <https://orcid.org/0000-0001-9587-8438>

² Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); membro dos grupos de pesquisa PROTEXTO (UFC) e TEXTUALE (UESPI). <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0878-9280>

ABSTRACT

The article aims to analyze, in dialogue with the technocursive perspective of Paveau (2020, 2021), as recategorizations in referential networks, in the instagram comments, whose texts are integrated with each other, under the trait of discursive relationality. We started from the characteristics of the digital native speech, focusing the potential relationships between the initial post and the comments, in which we operate as networks of references. Therefore, we base ourselves on the notion of referential networks in Matos (2018), based on the referential construction according to Cavalcante and Brito (2016) and on the modes of referential (re)elaboration, according to Custódio Filho (2011), whose scheme was added by Matos (2018). In this way, we analyzed the texts on the social network Instagram, observing the post of a political note about “Bolsonaro”, in the O Povo On-line newspaper, followed by 90 comments by 56 internet users. We observe that the fact that recategorizations about certain referent, can go beyond borders of a post, and can continue on the subsequent comments in the composite of genres, on the social network. This continuity occurs by additions and (dis)confirmation of meanings, according to the ideology and the influences of the subject, one on the other. With that, we point out the need for expansion of a technique at the level of intertextual reach of the networks, which includes the contribution of the technolingual resources for the possibility of exchanging meanings in negotiation.

Keywords: *referential networks; recategorizations; on-line comments; relationality.*

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos analisar como ocorrem as recategorizações na construção das redes referenciais, em comentários da rede social *Instagram*. Consideramos que os referentes estabelecem relações uns com os outros, e essa relação promove uma rede referencial, a qual reconstrói, nas direções argumentativas pretendidas pelos interlocutores, os sentidos dos textos. Uma vez se constituindo em ambiente digital, baseamo-nos na noção sobre as redes referenciais de Matos (2018) em interface com Análise do Discurso Digital, proposta por Paveau (2020, 2021).

Para a compreensão de como isso ocorre nas redes referenciais desse ambiente, partimos da discussão sobre o traço da relacionalidade (potencial ligação entre os hipertextos) consoante Paveau (2020, 2021), entendido em meio ao *compósito de gêneros*, no sentido de uma conglomeração de textos e gêneros distintos, inseridos no mesmo ambiente digital, em uma mesma mídia e suportes (COLARES; CAVALCANTE, 2021).

Contemplando, desta forma, a observação a respeito dos modos de (re)elaboração do referente, recapitulamos o esquema das quatro (4) etapas sugerido por Custódio Filho (2011), o qual é reenquadrado por Cavalcante e Brito (2016) e, em seguida, por Matos (2018).

Quanto à análise dos dados, selecionamos uma postagem do jornal *O Povo On-line*, do dia 15 de maio de 2021, no *Instagram*, referente à construção do referente “Bolsonaro”. Realizamos o mapeamento dos referentes, construídos em texto verbal e, também, por recursos tecnolingua-geiros, em um total de 90 comentários realizados por 56 comentadores. Observamos, então, como o referente *Bolsonaro* é continuado discursivamente nesse compósito, seja por elementos de sua rede referencial, seja por nódulos de outras redes com os quais *Bolsonaro* entra em relação, resultando em acréscimos ou (des)confirmações de seus sentidos.

2 INICIANDO A CONVERSA: OS COMENTÁRIOS DIGITAIS COMO PRODUÇÕES TECNOLINGUAGEIRAS

Na contemporaneidade, tendo a seu dispor inúmeras possibilidades expressivas e múltiplos recursos tecnolinguageiros, os usuários das redes sociais acabam por recategorizar os referentes de modo colaborativo, e não apenas por um único produtor do texto. Podemos dizer, de acordo com Paveau (2021), que as multissemioses (verbal e não verbal) presentes na confecção do gênero comentário digital (ou comentário *on-line*), segundo a nomenclatura de Santos e Alves Filho (2014), cumprem uma função relacional a outros discursos postos em interação nas redes sociais, dentre elas a do *Instagram*.

Dessa maneira, os vários discursos atendem a diversos propósitos dos internautas do *Instagram*, que seguem, embora heterogeneamente, um fio discursivo condutor de uma postagem inicial que os comentários seguintes replicam, discordando ou não das negociações de sentidos de determinados referentes postos em discussão. Convém destacar as considerações feitas por Santos e Alves Filho (2014) sobre esse gênero. Ao se reportarem ao discurso da esfera jornalística, ambos os autores consideram que o comentário, quando gênero, surge em resposta a uma notícia *on-line*, em forma de réplica a esta e a outros comentários que se desencadeiam após a notícia. Com isso, tais comentários “replicam o discurso ou atitudes de personagens das notícias, que replicam jornalistas, que replicam o portal, enfim, apontamos para o dinamismo das relações de interação como sendo um dos fatores determinantes do plurilinguismo³ nesse gênero” (SANTOS; ALVES FILHO, 2014, p. 303). Portanto, os autores acentuam o traço essencialmente dialógico nas relações de interação entre os comentários *on-line*, de modo a ressaltar a heterogeneidade constitutiva das relações discursivas segundo Bakhtin ([1975] 2002).

Na perspectiva de Paveau (2021), o comentário, um gênero renovado pela *web*, proporciona mais variedade de seus usos e produz inovações formais,⁴ transformando-se em diferentes planos e formas inéditas “num espaço escritural específico e enunciativamente restrito, no seio de um ecossistema digital conectado” (PAVEAU, 2021, p. 102).

Interessa-nos aqui explicar que Paveau (2020) trata acerca do discurso hipertextualizado, particularmente o da *Web 2.0*, levando em conta os processos tecnolinguísticos de elaboração na produção e na recepção dos discursos. A autora advoga, especialmente, acerca da noção de ligação entre os discursos hipertextuais, ao lado da descontinuidade (ligação não linear entre os fragmentos textuais) e da escrileitura, a coconstrução dos sentidos pelo usuário, de modo a ocupar o papel simultâneo de leitor e escritor. No contexto digital, essa escrileitura se torna mais relevante pelo fato de o leitor poder interagir com o texto do escritor, respondendo a este mediante diversas possibilidades tecnolinguageiras (curtir, responder verbalmente, com *emoticons*, *gifs*, *hashtags*, inserção de vídeos, sons etc.).

Focamos aqui, pois, na noção de ligação, explicitada pela autora como a relacionalidade dos enunciados em contexto hipertextual. Para essa autora, “os enunciados são explícita e materialmente relacionados a outros enunciados, imprevisíveis e abertos a percursos de sentidos subjetivos, constituindo uma verdadeira evolução na ordem do discurso” (PAVEAU, 2020, p. 68).

³ *Plurilinguismo* é retomado por Santos e Alves Filho (2014) da acepção de Bakhtin, ao se referir à “linguagem de outrem no discurso de outrem” (BAKHTIN, [1975] 2002, p. 127), constituindo, assim, um ponto de intersecção *bivocal* entre dois locutores distintos, contudo servindo aos diferentes propósitos enunciativos de ambos. Neste caso, o discurso de um locutor se refrata no do outro e se orchestra pela intenção deste, no âmbito de uma estratificação social e linguística.

⁴ A autora Paveau (2021) propõe uma categorização das formas de comentários digitais, nas quais não adentraremos aqui em razão do escopo de nosso artigo, que não é o de analisar os comentários do *Instagram* em face de questões taxonômicas.

Assim, Paveau (2021) caracteriza os discursos digitais nativos em seis pontos fundamentais: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Definiremos brevemente cada um; todavia, dentre tais características, buscaremos nos ater à relacionalidade, uma vez que nosso objetivo é salientá-la nas transformações ocorridas sobre os referentes em rede, em seu atravessamento no compósito⁵ dos gêneros digitais, levando-se em conta a integração entre a postagem e os comentários a ela subsequentes no *Instagram*.

Vemos que, na **composição**, “os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos pela matéria mista” (PAVEAU, 2021, p. 58), que se manifesta por textos verbais, imagens, sons, gestos de reações, colagens, e pode assumir os mais diversos formatos ao explorar, na tela, os sentidos visual e auditivo” (CATELÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 2263). Já a **deslinearização** mostra a quebra do eixo sintagmático do discurso, como “os links hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso” (PAVEAU, 2021, p. 58). A **ampliação** revela uma característica de enunciação ampliada em virtude dos botões “comentar”, “responder”, “retweet”, dentre outros que fazem o conteúdo expandir-se. A **relacionalidade** é a característica da potencial relação que os tecnodiscursos possuem entre si, confirmando-se o caráter relacional com outros discursos, com os aparelhos e com os (escri)leitores. Na **investigabilidade**, “os discursos digitais se inscrevem, no sentido material do termo, num universo que nada esquece e que é percorrido por ferramentas de busca e de redocumentação” (PAVEAU, 2021, p. 59). A **imprevisibilidade** é inerente aos discursos, que parcialmente produzidos ou formatados pelos programas ou algoritmos, acabam se tornando imprevisíveis, por exemplo, conteúdos dispersos da página da *web* (pode-se clicar neles e entrar em outro ambiente imprevisivelmente).

Daremos mais atenção, no item seguinte, à propriedade da *relacionalidade* no tecnodiscurso, a fim de mostrarmos que tais relações dialogais ocasionam a reformulação dos referentes nas redes.

3 AS REDES REFERENCIAIS E SEU ASPECTO RELACIONAL NOS TEXTOS E DISCURSOS

Falar da hipertextualidade significa tratar, irremediavelmente, de relações interdiscursivas e intertextuais. E, nesse fio dialógico, os atos de referência seguem a função de evidenciar as frequentes desestabilizações peculiares dos processos anafóricos recategorizadores, o que se verifica em nossos dados analisados, que veiculam toda a dinamicidade polifônica de acréscimo, confirmação-desconfirmação de sentidos.

Convém trazer a definição de Matos (2018, p.169) sobre as redes referenciais, como “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos”. Dessa forma, as redes se constituem por nódulos referenciais ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de interligações de várias naturezas, funcionando como *links*, que conectam os referentes, na construção e manutenção da coerência.

Esse conceito, para nós, representa uma visão relacional das redes nos discursos, o que supomos se estender ao compósito de textos e gêneros no meio digital. Por isso, pensamos que as redes referenciais, em sua essência, possuam uma dimensão relacional tanto em um aspecto intra-

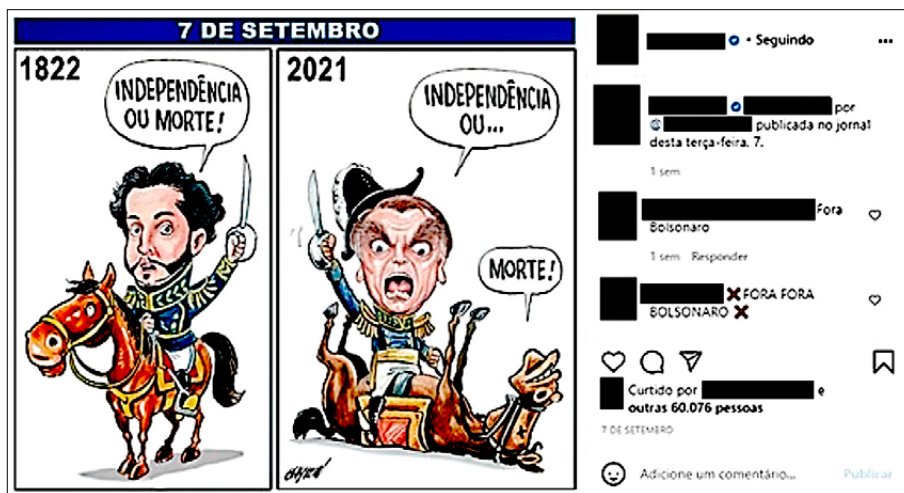
⁵ É fundamental distinguirmos aqui duas acepções de *compósito* que tomamos. Uma é a “junção entre linguagem e técnica” (PAVEAU, 2020, p. 58), como mescla de materiais tecnolinguageiros, na relação homem/máquina retratada por Paveau (2020) acima. A outra é a que compreendemos no sentido de uma junção de textos/gêneros distintos em um mesmo ambiente digital, em uma mesma mídia e suporte (COLARES; CAVALCANTE, 2021).

textual (ligando os elementos dentro de um texto) quanto num possível aspecto intertextual na ligação com outros discursos, de acordo com nossa análise das redes nos comentários aqui discutida.

Assim, com base em autores como Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Cavalcante *et al.* (2020), defendemos que a construção referencial em rede constitua mais do que vínculos puramente semânticos ou linguísticos na formação de uma textura. Para além disso, notamos que o conhecimento sociocognitivo, culturalmente compartilhado na memória discursiva, é uma indispensável ferramenta dos sujeitos interactantes, para uma (re)elaboração da referência, o que podemos facilmente constatar ao nos depararmos com as negociações de sentidos, mesmo as resultantes de relações de não concordância ou de conflitos entre os pontos de vista dos comentadores na rede social do *Instagram*. Tais propostas de sentidos, nem sempre harmoniosas, tendem a ressignificar os referentes, recategorizando-os (ou seja, transformando seus sentidos⁶) de acordo com as intenções comunicativas e segundo as visões e versões de mundo dos sujeitos que ali interagem.

Uma vez tencionando discutir as recategorizações nas redes referenciais dos comentários sob o aspecto da relacionalidade, buscamos examiná-las através do exemplo a seguir, retirado do *Instagram*, no perfil do jornal O Povo *on-line*:

Figura 1 – Charge do dia 7 setembro,⁷ jornal O Povo On-line



No nível da relação entre os discursos, essa postagem (em forma de charge) se conecta aos discursos que a comentam, retratando o dia da Independência do Brasil e demonstrando a intertextualidade através de uma comparação parodística entre dois momentos da história do país. Para tanto, o referente de centralidade da charge, a “Independência”, apresenta-se em rede, unindo, no contexto discursivo, duas figuras políticas, Dom Pedro I e o atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Por conta dessa relação, a “Independência” é recategorizada na postagem e, indiretamente, nos comentários, uma vez que novas informações (como “FORA BOLSONARO”) ajudam a corroborar uma ideia negativa a respeito da Independência brasileira, pensada a partir do atual contexto político do país. Portanto, as possíveis conexões entre inúmeros tecnodiscursos, são instauradas na rede de relações de sentidos textuais, aberta à criação e modificação incessante.

⁶ Nessa arquitetura edificada na interação, as recategorizações, enquanto transformações naturalmente ocorridas nos referentes, são inevitavelmente ocasionadas pela própria progressão do texto (CAVALCANTE; BRITO, 2016).

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTH1a7prbSJ/>. Acesso em: 7 set. 2021.

Podemos, assim, dizer que explicar as interações nas redes sociais é levar em consideração todos esses elementos (juntamente com *hiperlinks*, imagens, curtidas etc.) o que nos leva a entender as redes nos comentários como fenômenos textuais construídos nesse ecossistema e que constroem a referência nessa dimensão relacional, seja num mesmo comentário, seja na associação com outros comentários, num amplo diálogo polifônico de sentidos. Voltaremos à Figura 1 no item seguinte, em que enfocaremos os modos de (re)formulação dos referentes nas redes e como elas constroem acréscimos e (des)confirmações de sentidos nessa dimensão relacional.

4 OS MODOS DE (RE)CONSTRUÇÃO REFERENCIAL: OS ACRÉSCIMOS E AS (DES)CONFIRMAÇÕES DE SENTIDOS.

No intuito de observar os redirecionamentos de sentidos referenciais nos comentários do tecnodiscurso, retomamos aqui a proposta de Custódio Filho (2011) sobre os modos de (re)construção do referente, redimensionado por Cavalcante e Brito (2016) e depois ampliado por Matos (2018).

Custódio Filho (2011), a favor da perspectiva sociocognitivista, propõe uma análise dos modos de (re)elaboração referencial, entendida como o *esquema das 4 (quatro) etapas*, envolvendo a apresentação e os tipos de mudança pelos quais pode passar uma entidade no discurso. Nesse estudo, tais etapas são: *apresentação* (modo como o referente aparece pela primeira vez no discurso), *mudança por acréscimo* (modificação ou acréscimo de traços de sentido ao referente), *mudança por confirmação* (confirmações de traços de sentido já construídos anteriormente no texto), *mudança por correção* (alteração dos referentes com a função de corrigir sua construção, causando um impacto ou surpresa no leitor).

Cavalcante e Brito (2016), reenquadrando, funcionalmente, a proposta de Custódio Filho (2011), explicam que a evolução dos referentes que se continuam no texto é uma tendência natural no discurso e que os processos de sua (re)construção podem ser vistos em dois grandes processos: *introdução de referentes* (apresentação) e retomada recategorizadora (anáfora). Assim, a “mudança” destacada por Custódio Filho (2011) é enquadrada como “retomada recategorizadora”. A recategorização por meio da anáfora é vista como um movimento funcional de manutenção e progressão referencial, que se dá por acréscimos, confirmações e correções. Essa retomada recategorizadora mantém os referentes na tessitura do texto e, ao mesmo tempo, faz com que progridam.

Completando o esquema de Custódio Filho (2011) e tendo em vista a proposta de Cavalcante e Brito (2016), Matos (2018) acrescenta a noção da *desconfirmação* no processo de recategorização. Matos (2018), ao analisar os movimentos anafóricos das redes, explica que a reconstrução de traços sobre certas entidades, por vezes, pode se dar não apenas no sentido de confirmar ou endossar tais traços anteriormente predicados num discurso, mas também pode ocorrer no sentido de desconfirmá-los, em oposição às significações retroativamente anunciadas no texto. Tomemos como exemplo disso a Figura 1, em que o referente “Independência” é construído em sentido positivo por recursos verbo-imagéticos, no lado esquerdo da charge, ao mesmo tempo que é desconfirmado negativamente no lado direito.

Nesse viés, a recategorização não é expressa unicamente por expressões referenciais anafóricas, e mais além, podemos dizer que a construção implícita da recategorização pode estar, inclusive, sendo feita pela relação que determinado referente pode contrair com outros da rede textual (MATOS, 2018; MATOS; NOGUEIRA, 2020), em comparação. Na primeira imagem, a figura de Dom Pedro I, em 7 de setembro de 1822, retrata o momento histórico da Independência do Brasil, com o grito de “Independência ou morte”. Dom Pedro aparece vestido com roupas de

imperador, com semblante sério e elegantemente montado num cavalo, levantando uma espada, conforme o cenário imagético convencionado na memória compartilhada dos fatos históricos. Na segunda imagem, aparece uma figura caricata do presidente do Brasil, “Jair Messias Bolsonaro”, em 2021 (momento atual), também empunhando a espada, mas com um rosto comicamente espantado, com o cavalo às avessas. Com isso, a desconfirmação da “Independência”, de positivo para um sentido negativo, dá-se a partir de elementos conectados, porém frontalmente opostos. O referente “morte”, associado à Independência, na primeira cena, é construído como alternativa ou possibilidade; enquanto na segunda, a “morte” já é algo tangível, evidenciada pelo sofrimento do referente imagético “cavalo”. Podemos encontrar outros elementos dessa rede que possam suscitar leituras em nível crítico, a sugerirem o sofrimento do povo brasileiro na conjuntura política do atual governo.

São também (re)construções oscilantes o que vemos ocorrer em nossa análise, em diversos momentos do desenrolar dos comentários, conforme agora apresentaremos.

5 AMOSTRA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: DAS REDES DA POSTAGEM AOS COMENTÁRIOS

Nossa amostra concerne à postagem do jornal *O Povo On-line*, do dia 15 de maio de 2021, e aos comentários subsequentes na rede social do *Instagram*.

É importante registrar que essa postagem ocorreu no dia 15 de maio de 2021. Extraímos os dados da amostra no dia 18 de maio de 2021, às 10h, uma vez pressupondo que os textos dos comentários da rede social são inconclusos, podendo ser sempre aumentados ou modificados a cada nova interação entre os participantes.

Conforme a imagem acima, a postagem inicial traz, em seu bojo, uma nota jornalística cujo título é “Bolsonaro participa de manifestação de agricultores e religiosos”. O texto tem *Bolsonaro* como elemento de grande centralidade no evento noticiado, pelo fato de ser o atual presidente do Brasil, país que atravessa uma grave crise em meio a inúmeras polêmicas no mundo político e socioeconômico, em tempos de pandemia do *coronavírus*. Por essa razão, escolhemos a análise em torno do elemento referencial “Bolsonaro”, verificando os modos pelos quais ele se recategoriza ou pode influenciar a recategorização de outros elementos, em sua continuidade, ao longo dos comentários.

Para a devida análise, realizamos o mapeamento dos referentes, construídos em texto verbal e também por recursos tecnolinguageiros, em um total de 90 comentários realizados por 56 comentaristas. Por razões éticas, não identificamos os internautas pelo nome do perfil, mas através da letra inicial C (comentador) seguida da numeração que atribuímos a cada um, seguindo a ordem de seu aparecimento na rolagem da página dos comentários. Assim, observamos o posicionamento

Figura 2 – Nota jornal *O Povo On-line*



Fonte: Instagram O Povo On-line.

ideológico desses discursos, a fim de discernir os modos de reelaborações referenciais coconstruídas quanto ao fato noticiado e a seus elementos.

Tomando, assim, a leitura do compósito de textos, vemos que o referente em destaque, *o presidente Bolsonaro*, recategoriza-se de diversas formas, especialmente poligeridas, ou seja, em coconstrução colaborativa entre os participantes do discurso, frente a posicionamentos a ele reativos, seja de consenso, seja de dissenso.

Analisaremos como essa rede de centralidade na postagem origina, ao que nos parece, outras redes referenciais distintas, nos segmentos discursivos.

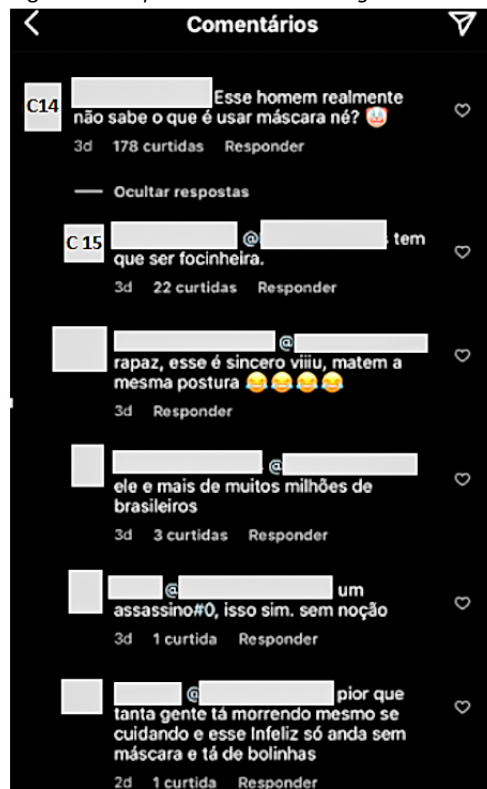
5.1 O TECNODISCURSO E A NECESSIDADE DE AMPLIAÇÃO DO ALCANCE ANALÍTICO DAS REDES REFERENCIAIS

Vemos que Bolsonaro é recategorizado de modo polifonicamente avaliativo, tanto por meios explícitos quanto por meios implícitos, no desenrolar dos comentários. Através de retomadas diretas constantes, ele reaparece associado a *hashtags* como “#ForaBolsonaro”, ou através de expressões adjetivadas, tais como “*um assassino, sem noção*”, “*sem máscara*”, “*esse irresponsável*”, “*esse indivíduo*”, “*esse infeliz*”, “*o rei do gado*”. Tais modos de continuidade também são garantidos por recursos tecnolinguageiros, desencadeados por motivações diversas, imprevisíveis e manifestadas pela completude indefinida do tecnodiscurso, consoante podemos ver nos comentários abaixo:

Notemos que C14, ao mencionar “*Esse homem não sabe o que é usar máscara né?*”, refere-se ao presidente também por meio da imagem de uma cara de *palhaço*. Em resposta a esse comentário, C15 recategoriza “Bolsonaro” implicitamente, como um animal, por um processo anafórico indireto: “tem que ser *focinheira*”, em que o elemento “*focinheira*” remete a um instrumento usado para animais. E em direção à *confirmação* deste sentido, C52 o recategoriza novamente por meios indiretos: “Cadê ele? Só vejo o *animal*” (comentário da Figura 10 adiante).

Como vemos, em corroboração à tese de Matos (2018), as alterações em torno desse referente não se dão unicamente pelas expressões pontuais que o denominam. Além dos modos de implicitude acima, mais outros referentes espalhados por diversos comentários ocorrem ligados a “Bolsonaro” e podem ser recuperados pela memória discursiva socioculturalmente compartilhada. São eles: “*os eleitores dele*”, “*bandeiras do Brasil*”, “*gado*”, “*golpe*”, “*vacina*”, “*a pandemia*”, “*uma gripezinha*”, dentre outros construídos por escolhas lexicais que refletem memórias episódicas e visões de grupos sociais e políticos no contexto brasileiro atual. Assim, recategorizações como essas se constituem em redes referenciais que confirmam sentidos remetentes à insatisfação e à aversão ao governo de “Bolsonaro” por parte de vários dos internautas analisados.

Figura 3 – Corpus comentários Instagram



Fonte: Instagram O Povo On-line.

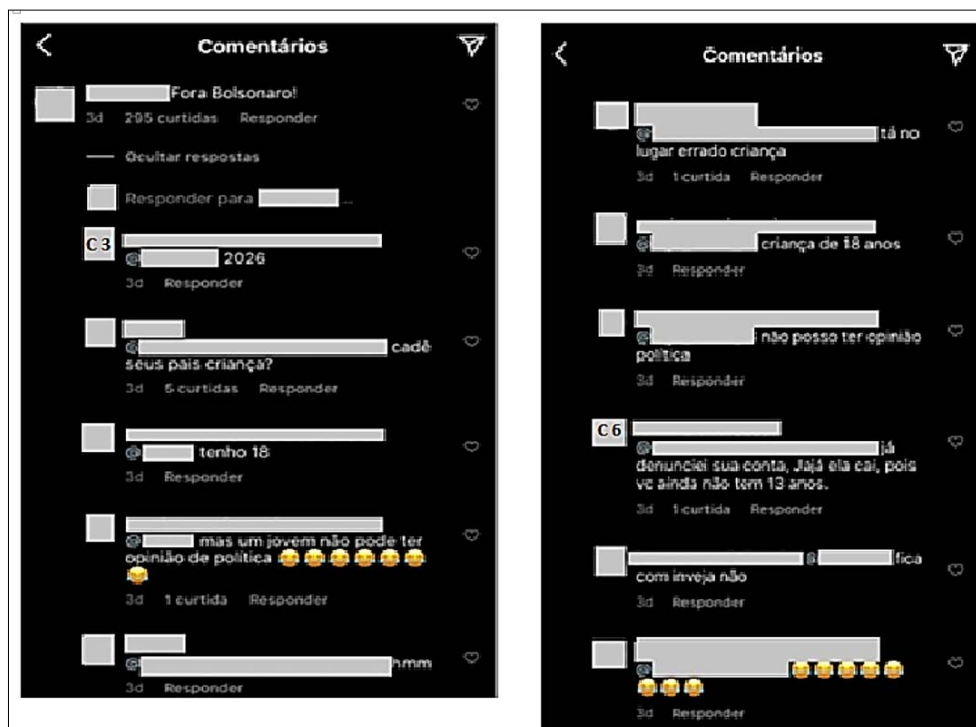
O item a seguir mostrará, um pouco mais, sobre como ocorrem algumas das recategorizações em nódulos referenciais associados ao presidente e que, a nosso ver, influenciam os sentidos a ele ligados indiretamente, o que pode contribuir para instaurar a relacionalidade entre os discursos do meio digital.

5.2 A RECATEGORIZAÇÃO EM REDES REFERENCIAIS DISCURSIVAMENTE RELACIONADAS A “BOLSONARO”

Percebemos que, ao ser continuado direta ou indiretamente, por essas vozes polifônicas, a figura de “Bolsonaro” funciona como um fio discursivo que confere um traço de relacionalidade⁸ a esse compósito de textos, dando lugar à abertura de discussões que geram outras redes de referentes que ganham continuidade, de modo que estes passam a constituir, por vezes, a temática de alguns dos comentários.

Tomemos, nas fotos a seguir, exemplos de como isso acontece.

Figura 4 e 5 – Corpus comentários Instagram



Fonte: Instagram O Povo On-line.

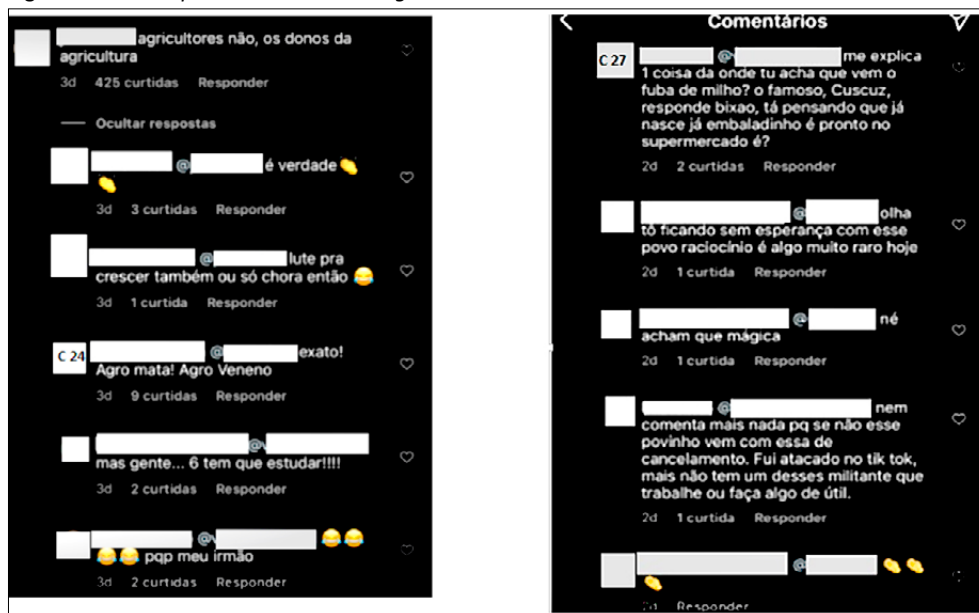
Notemos que C3, o qual se posiciona a favor do presidente, é logo depois retomado, colaborativamente, como “criança” e “um jovem”, por conta do viés ideológico destes comentadores. Observemos que não só esse termo é o responsável pela recategorização, mas também outros referentes que agem no discurso para *confirmar* esta atribuição, como “(cadê) seus pais”, “(não tem)

⁸ Apesar de avaliarmos que a relacionalidade existe, do ponto de vista referencial, na continuidade desses comentários, não sabemos discernir os limites da ocorrência desse fenômeno, uma vez que não temos uma noção precisa das fronteiras no que tange à unidade textual entre os comentários, em meio ao complexo emaranhado do compósito genérico na rede social. Esse fenômeno é algo que necessita de amplas discussões e investigações.

13 anos”, “(não pode ter) *opinião de política*”. Por conta disso, observamos que esse internauta é transformado pejorativamente, de modo que sua maioridade passa a ser ironicamente questionada, inclusive em sua relação com o “Instagram” (implicitamente construído), o qual se afirma que é um “lugar errado” para o internauta, e, em tom jocoso, C6 associa a “denúncia” da “conta” a esse discurso. Em contraponto, C3 busca a *desconfirmação* de tal juízo de valor, de forma a se autorrecategorizar como uma “criança de 18 anos” e, em comentário posterior, insinua que “sua foto” no perfil do Instagram seria uma foto “antiga”, ou seja, que parece uma imagem de criança, mas que não revelaria sua idade atual. Ao falar sobre sua foto, notamos que a imagem do perfil do usuário é um fator de sua (re)elaboração referencial. Por sua vez, os *emoticons* também expressam, de modo significativo, o posicionamento irônico dos participantes desse diálogo, por meio de carinhas que simulam um choro de risos.

Em outro exemplo da sequência, a menção à classe dos “agricultores” na manifestação também dá lugar a breves comentários que recategorizam esse objeto de discurso em uma mesma direção argumentativa, embora tal temática se torne, de algum modo, suspensa nas sequências de alguns comentários e retorne mais visivelmente em outras. Reparemos nas fotos seguintes:

Figura 6 e 7 – Corpus comentários Instagram



Fonte: Instagram O Povo On-line.

Assim, além das renomeações “*agricultores não, os donos da agricultura*” e “*agricultores não, os donos do agronegócio, endinheirados*” e “*agro (mata), agro veneno*”, outras referências tecem outro nóculo descendente da rede referencial da agricultura. Isto porque C27 comenta sobre o “*fubá de milho*”, reformulando-o como “*o famoso cuscuz*” e questionando a C24 se ele pensa que o cuscuz nasce “*já embaladinho e pronto no supermercado*”, acrescentando-lhe, pois, tal traço.

A tessitura dessas referências, por sua vez, representa um vínculo, ainda que indireto, com os agricultores associados a “Bolsonaro”, o qual é a motivação de tais comentários nesse contexto, ao que tudo indica. Assim, temos a seguinte conexão entre os referentes no contexto: Bolsonaro → agricultores → cuscuz, de modo que os dois últimos descendem de sua relação contextual com o primeiro. Todavia, esta consideração não significa que pretendamos estabelecer centrações te-

máticas necessariamente fixas em tais comentários, visto que eles se configuram colaborativamente, de modo imprevisível no tecnodiscurso, lembrando mais uma vez Paveau (2021).

As figuras 8 e 9, a seguir, mostram que a “aglomeração” de pessoas, contrária às medidas sanitárias para combater a pandemia da Covid-19, é um elemento referencial implicitamente construído em rede:

Figura 8 e 9 – *Corpus comentários Instagram*



Fonte: Instagram O Povo On-line.

Vejam-se as implicitudes construídas em torno da entidade “aglomeração”, na forma da pergunta de C30 sobre a postagem: “*Acabou a pandemia?*”. Já na figura 9, a mesma referência é reelaborada, porém *desconfirmando* a construção anterior da internauta, na medida em que se responde a ela que “[...] *os manifestantes da esquerda que tavam no dia 13 fazendo manifestação contra ‘Bolsonaro’ aí pode né?*”. O mesmo se desconfirma no comentário posterior: “*essa galera da esquerda tem o mesmo argumento, mas amam furar a quarentena*”. Com isso, C37 enquadra os críticos a “Bolsonaro” como “*essa galera da esquerda*”, encapsulando comentários relativos a tais críticas como “*o mesmo argumento*”, porém insinuando que os partidários da esquerda também promovem a aglomeração, através do uso da locução verbal “*amam furar*” vinculada ao referente “*quarentena*”.

Além disso, houve ainda uma provável construção intercognitiva da “carreata de Lula” na escrita de C36, na alusão “*a carreata do sartanais⁹ no ano passado na pandemia*”. Acompanhem mais estas sequências de comentários:

⁹ Conservando a escrita original dos textos da rede social, presumimos que o nome “sartanais” quer dizer “Satanás”, em se tratando de um discurso antiesquerdista, de onde se alude o fato de ter havido carreatas no Brasil a favor de Lula, no ano de 2020.

Figuras 10 e 11 – Corpus comentários Instagram



Fonte: Instagram O Povo On-line.

Na figura 10, a visão extremada do esquerdista como marginalizado é manifestada pelo comentário de C53: “efeito das drogas né”, em réplica à atitude antibolsonarista de C52. E, no último comentário da Figura 11, em “Bandeiras brasileiras, viu! Não bandeiras de uma facção” temos também a desqualificação dos partidários de esquerda, pela relação travada com um objeto que o simboliza, no caso, a bandeira. Esta desqualificação se dá em detrimento do autoelogio do internauta partidário da direita bolsonarista, por se vincular enunciativamente com o referente “bandeiras brasileiras”, como um símbolo do patriotismo.

Nesse verdadeiro “concerto” polifônico destes comentários, ainda se acrescenta a reprodução da letra da música de Zé Ramalho por C42: “Ê, ê, ô, ô, vida de gado, Povo marcado, ê! Povo feliz [...]” (Figura 11). Esta citação se traduz como homologação dos sentidos (re)criados por uma série de referências que mantêm o enquadre dos apoiadores de “Bolsonaro” como pessoas alienadas, que seguem um líder de modo acrítico: “o rei do gado”, “o abatedouro”, “a boiada”, até mesmo a onomatopeia “muuuuuuuuu”.

Por conta disso, entendemos que os comentaristas existem no discurso em duas instâncias: como *escreitores digitais*, e, ao mesmo tempo, como *objetos de discurso*, os quais passam a ser transformados sob várias óticas (inclusive sob a dos próprios internautas recategorizados) que negociam seus sentidos de maneiras diversas, conforme a ideologia de cada discurso, acrescentando traços que levam à confirmação ou à desconfirmação desses sentidos propostos a cada momento, nos comentários.

A nosso ver, as curtidas dos comentários representam indícios multissemióticos das (des)confirmações, demonstrando, quantitativamente, a adesão (ou não) de certos internautas aos comentários feitos. Temos, por exemplo, que a recategorização feita pelo internauta 1 (#ForaBolsonaro), rendeu-lhe

295 curtidas; do mesmo modo, a expressão do internauta (“*agricultores, não, os donos da agricultura*”) ganhou 425 curtidas.

Ao final da análise, em termos de processos referenciais, presumimos que a noção de introdução referencial e a de movimentos anafóricos se complexifica ainda mais nesse compósito de textos do ambiente digital. Desta forma, fica-nos a questão: haveria, em certos casos, um introdutor referencial que “comandaria” os demais introdutores de certos comentários? Analogamente, a anáfora deveria ser tratada sob um plano intertextual, em meio ao compósito de textos e gêneros *on-line*?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente pensada a rede referencial sob o ângulo de uma relacionalidade intratexto, torna-se agora notória a necessidade de se estender tal fenômeno ao entendimento das interações nos gêneros emergentes estabelecidos em compósito – tanto no sentido do termo em Paveau (2020) quanto em Colares e Cavalcante (2021). Tais modos de interação digital tornam ainda mais complexa a noção de recategorização nas redes de referentes, em virtude de seus modos de construção intertextual, bem como em razão de sua natureza multissemiótica e tecnolinguageira, de maneira a se alçar um estatuto ainda mais amplo a esse fenômeno.

Portanto, nossa análise nos leva à constatação nada difícil de que a recategorização estabelecida em rede não só perpassa as anáforas no movimento progressivo de um só texto, como também atravessa o compósito de textos na navegação pelos comentários do *Instagram*. Porém, uma observação mais acurada das recategorizações no tecnodiscurso é algo que permanece incipiente no momento atual. Mesmo assim, vislumbramos, de alguma forma, o papel argumentativo dos acréscimos e das (des)confirmações de sentidos nesse conflito de negociações, em que os modos de condução dos nódulos referenciais ajudam a expressar as ressignificações discursivas, num jogo de relacionalidades.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. Tradução Aurora F. Bernadini *et al.* São Paulo: Hucitec/Unesp, [1975] 2002.

CATELÃO, E.; OLIVEIRA, A. Comentários on-line e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2259-2287, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18070>. Acesso em: 4 out. 2021.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Z. G. O. de; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (org.). *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Paulistana, 2016. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CAVALCANTE, M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

COLARES, J.; CAVALCANTE, M. Compósito de gêneros. *Encontros Universitários da UFC*, Fortaleza, v. 5, n. 2, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/69823>. Acesso em: 2 out. 2021.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações*: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MATOS, J. G. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MATOS, J. G.; NOGUEIRA, S. R. de S. As redes referenciais na (re)construção dos sentidos da crônica narrativa. In: SILVA, J.; MARTINS, M. A. (org.). *Estudos linguísticos: (novos) caminhos*. Ananindeua: Itacaiúnas, 2020.

PAVEAU, M.-A. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso; discursos e links. hipertextualidade, tecnodiscursividade, escritura. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Texto, discurso e argumentação*: traduções. Tradução Jessica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira; Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. Campinas: Pontes, 2020. p. 15-70.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021. (in print).

SANTOS, E. P.; ALVES FILHO, F. O plurilinguismo no gênero comentário on-line: Encontro e confronto entre muitas vozes sociais. *Revista FSA*, Teresina, v. 11, n. 2, p. 301-317, abr./jun. 2014.

Sites

<https://www.instagram.com/p/CThIa7prbSJ/>. Acesso em: 7 set. 2021.

<https://www.instagram.com.br/opovoonline>. Acesso em: 10 nov. 2021.